

# O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da educação profissional

Clavatta, Maria. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: A historicidade da educação profissional**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

POR BRUNO MIRANDA NEVES E JORDAN RODRIGUES DOS SANTOS

Coordenador Executivo do Programa Desenvolvimento e Educação - Theotônio dos Santos (IFHT, CEH e CCS/UERJ). Assessor na Rede e Cátedra UNESCO em Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (REGGEN). Contato: bmirandaneves@yahoo.com.br.

Mestre em Educação pela UFF. Proded-TS/UERJ e SEEDUC/RJ. Contato: jordan2020edu@gmail.com.

A publicação *O trabalho docente e os caminhos do conhecimento*, de Maria Clavatta, é fruto da pesquisa “Historiografia em Trabalho e Educação – a construção de categorias”, realizada de 2008 a 2013, cujos problemas abordados foram: a insuficiência de aprofundamento sobre trabalho e formação profissional na área da História da Educação; as más condições de trabalho docente e de investigação; e as banalizações dos termos *pesquisa* e *saber*.

A autora acumula quatro décadas de dedicação a pesquisas sobre epistemologia e ciências humanas no Brasil e no exterior, bem como uma rica interlocução com investigadores de outras vertentes. O livro se divide em cinco capítulos que têm por objetivo tratar de questões fundamentais à pesquisa em trabalho-educação pela chave interdisciplinar para sistematização das problematizações efetuadas.

Clavatta nos guia pelo movimento de suas reflexões, estruturando o livro da seguinte maneira: a) questões sociais e epistemológicas; b) historicidade das teorias, dos procedimentos e a Educação Profissional Técnica (EPT) desde o materialismo histórico-dialético; c) interdisciplinaridade e desvelamento de aspectos do real; d) fotografia: o sensível, a fonte e o objeto; e) comparação: o que é igual e o que é diferente.

De início, a autora assevera como imprescindível o caráter da pesquisa científica como trabalho sistemático, partindo de métodos e teorias adequados ao tratamento das questões postas. Os saberes são originados da ciência e/ou ontologicamente das atividades científicas desempenhadas com rigor teórico-metodológico. A partir daí, pode-se dizer que o conhecimento nas áreas humanossociais é legitimado pela capacidade explicativa.

Ao entender que nós, pesquisadores, somos condicionados pelas conjunturas, o texto sublinha os contextos da pesquisa e da docência, em que o aviltamento das condições materiais e institucionais de estudos e a presença do produtivismo interpelam

a sociedade. Aponta, ainda, como questões preliminares as lógicas antagônicas de produção sob o capitalismo em contraste com a humanização, objetivo próprio da educação. agregando ao debate as tensões entre os tempos da política (imediate) e da pesquisa (histórico).

Os conceitos de totalidade social, mediação, contradição e particularidade são apresentados como relevantes para aproximações fecundas. Ciavatta adverte que “nos termos do materialismo histórico, as categorias ou conceitos utilizados não são abstrações e não podem ser tratados apenas como termos, como discursos” (2015, p. 28).

A autora lembra que, para traduzir adequadamente o objeto de estudo, é preciso contextualizar, historicizar, comparar e conceituar “tendo por base a realidade exterior com sua forma e materialidade”. Por isso, parte das relações entre economia e educação como campo mais amplo dos estudos sobre educação profissional e tecnológica, para afirmar que nossas pesquisas se desenvolvem “nas múltiplas relações do mundo do trabalho e da escola” (CIAVATTA, 2015, p. 29).

No primeiro capítulo, aborda as questões do trabalho docente e da pesquisa, atividades que não se excluem. A sala de aula e a atividade de trabalho do professor, para além do nível de ensino, constituem-se como fértil campo de pesquisa e produção de conhecimento. Por isso, se tornam relevantes os seguintes conceitos e categorias: história como processo e método; mundo do trabalho; classe trabalhadora e escola unitária.

O capítulo seguinte inicia com o questionamento: “como avançar na compreensão da história e da historicidade da educação profissional?”. O texto aponta que as relações entre economia e qualificação podem ser o ponto mais agudo das disputas entre capital e trabalho em torno de suas sociabilidades, relações permeadas pelos embates de projetos hegemônicos e envoltos pela tensa relação entre os tempos da política e da pesquisa.

Encontra-se na obra determinada visão sobre a natureza do trabalho (enquanto ontologia e contexto), olhar que atenta para a estrutura econômica predatória da força de trabalho, ampliada com o processo de reestruturação produtiva no Brasil, país cujo desenvolvimento é marcadamente dependente e subordinado aos centros dinâmicos do capitalismo. A condição dependente potencializa, por isso, a contradição entre o crescimento da produtividade e da economia sem a correlata melhoria da cobertura do sistema público de ensino e a garantia de outros direitos sociais.

Na unidade subsequente, a autora aborda questões teórico-metodológicas, enfatizando as categorias centrais do materialismo histórico-dialético para o desenvolvimento de pesquisas com rigorosa fundamentação histórica, teórica e conceitual. Esse gesto reforça os elos entre teoria e prática para adentrar o tema da interdisciplinaridade, vista simultaneamente como problema e necessidade: os dados em questão não se limitam a uma ciência em específico, e as áreas de saber, para fugirem do superficial, do aparente e do senso comum, dialogam e se interpenetram.

A ciência, lemos, não produz verdades absolutas, pois a verdade científica é uma construção dos seres humanos no tempo e no espaço social, nas suas relações com a natureza para e na produção e reprodução de suas vidas. Assim, temos que assimilar as mediações constituintes das relações humanossociais em sua totalidade,

pois cada objeto é entendido dentro das relações políticas, culturais, históricas e econômicas, entre outras, nas quais está imerso.

A interdisciplinaridade também é vista como parte do processo de educação integrada e integral dos sujeitos. A obra identifica que a ideia de interdisciplinaridade tem trânsito no campo educacional sem, no entanto, representar necessariamente uma prática deste campo. É aí que nos adverte para um problema de fundo: “a interdisciplinaridade é uma condição favorável, mas não suficiente para a formação integrada, salvo se incorporar os elementos sociais e políticos da educação como um todo” (CIAVATTA, 2015, p. 64).

Dentro de uma perspectiva dialética, as contradições e as mediações são interpe-ladas pela totalidade social em que se inserem. Compreender a totalidade não é compreender tudo, mas compreendê-la em uma relação espaço-temporal delimitada historicamente que tem como mediação fundamental o trabalho em seus vários desdobramentos para a produção da vida humana.

Ao abordar os usos da fotografia na pesquisa social e na educação, afirma que a história se caracteriza pelos sentidos que os fatos adquirem por meio da narrativa construída sobre os acontecimentos e fatos. A história, enquanto método de pesquisa, é fundamental na busca pela compreensão dos eventos históricos que não possuem sentido e significados a partir de si mesmos; é nesse processo que as fotografias vão se caracterizar como uma de suas principais fontes de pesquisa.

É a partir das fotografias que o estudo percebe que aquilo que é registrado também pode ser interpretado, mostrado e/ou ocultado em função da correlação das forças políticas. A fotografia possui uma temporalidade. Por outro lado, a história contada a partir de diferentes registros e por meio de diferentes mídias adquire uma centralidade que antes não possuía no processo de assimilação do vivido.

Há disputas pela interpretação em torno dos sentidos e significados daquilo que a fotografia registra e, quando a história é utilizada como método, uma só imagem não é suficiente para compor e reconstruir o contexto a que se remete. A sucessão de imagens contribui para aferirmos, com maior margem de confiabilidade, algo sobre o que elas traduzem do período retratado.

Para abordar o tema da pesquisa comparada, a autora sublinha que a epistemologia e a historicidade possibilitam o reconhecimento da alteridade – e das formas pelas quais o outro também produz conhecimento científico.

Nesse sentido, alguns dos aspectos centrais que dizem respeito à produção do conhecimento e da epistemologia são: a produção da “verdade”, da objetividade e da subjetividade; no caso, objetividade e subjetividade podem ser uma representação da subjetividade e vice-versa. Aprender a base epistemológica que orienta a produção do conhecimento e a visão de mundo e da realidade de um sujeito é um gesto fundamental, visto que ela não se explica por relações de causa e efeito.

Para Ciavatta, pensar e produzir conhecimento dentro de uma relação diversa abarca o respeito à alteridade e à particularidade do outro: “o reconhecimento da alteridade é a base da identidade de si mesmo e da distinção em relação aos demais seres” (CIAVATTA, 2015, p. 14).

Transversalmente, o texto opõe-se à visão positivista e linear da produção da história e não a compreende como fazem as vertentes clássica ou tradicional (pautadas pelas grandes narrativas), mas desde uma produção que se inicia na vida material dos sujeitos para suprir as necessidades materiais e que cria relações que possuem intencionalidades. Admitindo que a pós-modernidade auxiliou na desconstrução de alguns “dogmas” e “postulados férreos”, pouco teria contribuído para a teoria da história e para a historiografia.

Tanto a visão positivista quanto a pós-moderna, segundo a autora, não vão ao cerne da questão: as condições materiais de vida dos sujeitos, os contextos e relações nos quais essas condições são produzidas; ou seja, não investigam as mediações históricas.

Nada melhor que aprender com aqueles que se dedicam a historicizar não apenas o próprio objeto, mas também os processos de produção de conhecimento sobre ele. Acrescentamos que, na obra aqui abordada, a autora não se limita a trabalhar com autores clássicos, correlacionando as contribuições de cada um para o desenvolvimento de pesquisas, como também sugere caminhos para novas gerações de pesquisadores que atendam ao chamado de produzir o novo. ↗